

# XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

## DIZENDO O INDIZÍVEL, CORPORIZANDO O ETÉREO: O TERRITÓRIO-MICRO EM VAGA CARNE E CLARICE LISPECTOR

*Bárbara Mazolla*

Bárbara Mazolla | Mestrado

Linha de Pesquisa | PCI

Orientador | Prof Dr Charles Feitosa

Bárbara Mazzola é atriz e Mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da UNIRIO. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2010) e formação profissional em Teatro pela Teatro-Escola Célia Helena (2012). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Teatro, atuando principalmente nos seguintes temas: processos criativos, teatro e dança. Participou de cursos e workshops com diversos artistas e pesquisadores das artes da cena, entre eles: Tadashi Endo (Japão/Alemanha), Renato Ferracini e Raquel Scotti Hirson (LUME Teatro), Eve Duo Bruce (Théâtre du Soleil), Duda Maia, Tatiana Motta Lima (UNIRIO), entre outros.



# XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

## DIZENDO O INDIZÍVEL, CORPORIFICANDO O ETÉREO: O TERRITÓRIO-MICRO EM VAGA CARNE E CLARICE LISPECTOR

Bárbara Mazzola

Prof Dr Charles Feitosa | Orientador

O espetáculo Vaga Carne, de Grace Passô, possibilita a discussão de muitas questões: dificuldades da linguagem, a questão política sobre responsabilidade, a necessidade de haver discursos, o questionamento sobre qual discurso seria importante ao tempo que vivemos, a temática feminista, a temática da negritude - afinal, a atriz é uma mulher negra - e tantos outros temas. Contudo, busca-se neste texto, não uma análise crítica das temáticas levantadas pelo espetáculo e seus desdobramentos, mas sim uma tentativa de pesquisar algumas questões que dizem respeito ao trabalho de atriz construído e apresentado por Grace Passô.

Assim, inventa-se aqui uma possível analogia entre a escrita literária de Clarice - nos dizendo o que é indizível - e a escrita atoral de Grace - nos dando a ver o que é invisível.

Marcele Franceschini (2009) expõe que Clarice não escreve o texto propriamente dito e que não há modelos literários que se encaixariam com rigor metodológico à produção da autora. Para ela, a presença caótica move a narrativa, ao mesmo tempo em que segue num movimento desordenado de perseguição da linguagem para chegar ao "umbigo" das coisas. Assim, através da linguagem apreende-se o que não é inteligível, toma-se contato com aquilo que embora ausente, reflete-se com extrema pureza na palavra. A esse respeito Ferreira Gullar (2000) também parece concordar quando relata a busca incansável de Clarice por dizer o indizível, da necessidade da autora por se entregar, através da escrita, ao insondável da existência.

Deste modo, compreende-se que a leitura de Clarice se dá naquilo que não está dito de modo categórico na construção e combinação das palavras. Antes disso, está

# XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas PPGAC/UNIRIO

por trás das palavras, no indizível, no silêncio que habita o fundo das palavras, na linguagem convivendo com a não-linguagem. É na existência deste paradoxo que é possível tocar e ser tocado pela obra de Clarice.

Mas no que isso se relacionaria com o espetáculo *Vaga Carne*, visto que não há nenhuma referência ou menção a qualquer trecho da obra de Clarice Lispector na peça teatral? De imediato, pode-se pensar que a semelhança seria na construção textual de *Vaga Carne*, no sentido que Grace – também autora da peça – parece se utilizar de uma espécie de fluxo de pensamento para a construção dramática. E de fato isso ocorre. Como Grace descreve acerca da peça, uma voz que invade o corpo de mulher passa a narrar o que sente enquanto imagem humana, o que é insondável em si, o que é a imagem desse corpo para si e para quem o vê. Mas as semelhanças não acontecem apenas textualmente ou no âmbito da palavra. Clarice nos apresenta o que está por trás das palavras, Grace nos apresenta o que está por trás do movimento. Clarice diz o indizível, Grace corporifica o etéreo. É exatamente na existência deste paradoxo que se mantém a analogia proposta por este texto.

Há no trabalho de Grace, a “corporificação” do passeio dessa voz invasora a partir da sua construção de quase imobilidade corporal.

Em entrevista concedida a mim, a atriz, dramaturga e diretora de *Vaga Carne*, conta que tudo partiu da ideia de dissociação entre corpo e voz, esse jogo entre palavra e movimento. No espetáculo o corpo de Grace não pára, em nenhum segundo, de se mover. A atriz trabalhou os princípios de iminência do movimento e o que ela chamou de “princípio de prontidão”, isto é, a todo instante o corpo está sustentando o momento de um segundo antes de um golpe a ser dado ou recebido. Além destes procedimentos a atriz ainda cita seus estudos de teatro físico, estudos de procedimentos do Lume Teatro e de artes marciais.

Para ela a ação primordial da peça é a fala do texto e o corpo está “apenas” como suporte. Contudo, para sustentação desse estado corporal, é necessário muito movimento e o acionamento de diversas musculaturas internas e sutis. Desse modo, Grace como que ilumina esse campo de vibrações, de sutilezas de movimentações e tensões corporais nos dando a ver, assim, o invisível, a ação na inação. A ideia da

# XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

não-ação, de um corpo estático estar em movimento, em constante vibração, a atriz relata que extrai a partir de suas percepções de procedimentos da dança, que em seu caráter mais performático a ajuda a expandir os limites do teatro e do que é estar em cena.

Pesquisando o corpo do ator nas fronteiras entre teatro, dança e performance, Ferracini (2013) expõe que no corpo em arte, a borda mais expandida seria também a mais próxima de uma dança da musculatura, que poderia, por sua vez, efetivar uma experiência da vivência de um invisível concreto e real, ou seja, um terreno micro.

José Gil (2005) refere-se a esse campo como “zona”, um espaço paradoxal, um território no qual as projeções de movimento estão na margem entre pensamento e corpo. Denomina-se também de “espaço interior virtual” ou ainda “espaço da consciência do corpo”. O mesmo autor ainda diz que as formas dos movimentos de forças é que dão a ver o invisível. São invisíveis a visão, mas são formas de forças intensivas apreendidas pela sensibilidade (GIL, 1996).

Ainda que o campo das forças seja de fato invisível, através da sua quase imobilidade, criada na sustentação de um estado corporal recheado de micro tensões e micro movimentos, Grace parece jogar luz a esse campo invisível, nos provocando uma percepção que ele está por toda parte, que toda a parte está como que impregnada dele e que tudo é esse fluxo de forças agindo no invisível.

Assim, o corpo da atriz, por meio da narração da voz invasora e de sua constante vibração, toma dimensões amplas e tudo integra. Espaço, luz, público, tudo passa a ser percebido em sua dimensão de vibração, de forças, de sensação, de micro.

Para Ferracini (2013), quando o ator entra nesse fluxo do território micro, seu fluxo corpóreo gera pensamentos que não são inteligíveis, passíveis de codificação pela consciência, mas sim pensamentos possíveis de serem experienciados pela sensação.

Ora, não seria isso o que a leitura de Clarice, através de sua linguagem indizível, produz? Pensamentos que, para serem pensados, precisam ser experienciados pela sensação?

# XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas PPGAC/UNIRIO

Surge assim uma tentativa inicial de analogia do modo de fazer literatura de Clarice Lispector e do modo de fazer teatro de Grace Passô no espetáculo Vaga Carne, na segurança de que ainda há muito o que ser pesquisado e melhor elucidado dentro deste terreno micro.

## REFERÊNCIAS:

FERRACINI, Renato. **Ensaio de atuação**. Perspectiva, 2013.

FRANCESCHINI, Marcele Aires. **Oblíquo e fortuito e ao mesmo tempo sutilmente fatal: o 'Kháos' como instrumento literário em Água Viva, de Clarice Lispector**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2009

GIL, José. **Movimento Total** – O Corpo e a Dança. São Paulo: Iluminuras, 2005.

GIL, José. **A Imagem-Nua e as pequenas percepções: estética e fenomenologia**. Lisboa, 1996.

GULLAR, Ferreira. **Presença de Clarice**. São Paulo. Folha de São Paulo. 2007

PASSÔ, Grace. Entrevista concedida a Bárbara Mazzola. São Paulo. Fev 2017. Não publicada.